

O pé da múmia

Théophile Gautier

À falta do que fazer, eu entrara num desses negociantes de curiosidades, chamados negociantes de bricabraque na gíria parisiense, tão perfeitamente ininteligível para o resto da França.

Já haveis sem dúvida dado uma olhada, através da vidraça, nalgumas dessas lojas que se tornaram tão numerosas desde que entrou na moda adquirir móveis antigos, e que qualquer corretor de câmbio se acha obrigado a possuir o seu *quarto Idade Média*.

Trata-se de algo que tem a ver, ao mesmo tempo, com a loja de ferro velho, com o armazém do tapeceiro, com o laboratório de alquimista e com o ateliê de pintor; nesses antros misteriosos, onde os postigos filtram uma prudente meia-luz, o que há de notoriamente mais antigo é a poeira; as teias de aranha são ali mais autênticas do que as guipuras e a velha pereira silvestre é mais jovem do que o acaju recém-chegado da América.

O depósito do meu negociante de bricabraque era uma verdadeira Cafarnaum; todos os séculos e todos os países pareciam ter ali marcado encontro; uma lâmpada

etrusca de argila vermelha estava pousada sobre um armário de Boule, de almofadas de ébano severamente raiadas de filamentos de cobre; uma duquesa da época de Luís XV estirava indolentemente seus pés de corça sob uma grossa mesa do reinado de Luís XIII, com pesadas espirais de carvalho, com esculturas entremeadas de folhagens e de quimeras.

Uma armadura tauxiada de Milão fazia cintilar num canto o bojo ornado de fitas de sua couraça; amores e ninfas de biscuit, grotescas figuras chinesas de porcelana, tinteiros de esmalte verde-claro e salpicado, chávenas de Saxe e de Sèvres antigo apinhavam as estantes e as cantoneiras.

Sobre as prateleiras denticuladas dos armários, resplandeciam imensas travessas do Japão, de desenhos vermelhos e azuis, ornatos em relevo com hachuras de ouro, lado a lado dos esmaltes de Bernard Palissy representando cobras, rãs e lagartos em relevo.

Dos guarda-roupas atochados escapavam-se cascatas de lustrina acetinada de prata, borbotões de brocatéis crivados de grãos luminosos por um raio oblíquo de sol; retratos de todas as épocas sorriam, através de seu verniz amarelado, em quadros mais ou menos descolorados.

O negociante me seguia precavidamente nas tortuosas passagens abertas entre as pilhas de móveis, derrubando com a mão o vôo audaz das abas de minha casaca, vigiando-me os cotovelos com a atenção inquieta do antiquário e do usureiro.

Era uma singular figura a do negociante: um crânio imenso, brunido como um joelho, circundado por uma rala auréola de cabelos brancos que destacava mais vivamente o tom salmão-claro da pele, dava-lhe uma falsa aparência de bonomia patriarcal, corrigida, de resto, pelo brilho dos olhinhos amarelados que tremiam em suas órbitas como dois luises de ouro sobre azougue. A curvatura do nariz tinha um perfil aquilino que lembrava o tipo oriental ou judeu. As mãos magras, franzinas, cheias de veias e

nervos salientes como as cordas de um braço de violoncelo, unguladas de garras semelhantes às que terminam as asas membranosas dos morcegos, tinham um movimento de oscilação senil, inquietante de ver-se; todavia, essas mãos agitadas por tiques febris tornavam-se mais firmes do que tenazes de aço ou pinças de lagosta quando erguiam algum objeto precioso, uma copa de ônix, um copo de Veneza, uma bandeja de cristal da Boêmia; o velho patife tinha um ar tão profundamente rabínico e cabalístico que pela cara teria sido queimado há três séculos atrás.

— O senhor não me vai comprar nada hoje, senhor? Eis um cris malaio cuja lâmina ondula como uma chama; repare nestas ranhuras para fazer correr o sangue, nestes denteados feitos em sentido inverso para arrancar as entranhas quando se retira o punhal; é uma arma feroz, de bela qualidade, que ficaria muito bem no seu troféu; esta espada de dois punhos é de Joseph de la Hera, e esta espada de copos em forma de concha fenestrada, veja que soberbo trabalho!

— Não, já tenho o que basta de instrumentos de carnificina; queria uma figurinha, um objeto qualquer que me pudesse servir de peso para papéis, pois não suporto todos esses bronzes de pacotilha que se vendem nas papelarias e que se encontram invariavelmente em todas as secretárias.

O velho gnomo, remexendo nas suas velharias, apresentou-me bronzes antigos ou supostamente tais, pedaços de malachita, idolozinhos hindus ou chineses, uma espécie de boneco de jade, encarnação de Brama ou Vishnu, maravilhosamente apropriado ao uso, muito pouco divino, de manter no lugar jornais e cartas.

Eu hesitava entre um dragão de porcelana todo constelado de verrugas, a goela ornada de colmilhos e filamentos, e um pequeno fetiche mexicano de aspecto assaz abominável, representando ao natural o deus Witziliputzili, quando avistei um pé encantador, que tomei a princípio por um fragmento de Vênus antiga.

Ele ostentava esses belos laivos fulvos e ruços que dão ao bronze florentino seu aspecto cáldo e vivaz, tão preferível ao tom verde-azinhavre dos bronzes comuns que se tomariam facilmente por estátuas em putrefação; luzentes reflexos acetinados estremeciam-lhe as formas redondas e polidas pelos beijos amorosos de vinte séculos, pois devia tratar-se de um bronze de Corinto, uma obra da melhor época, fundida talvez por Lisipo!

— Este pé me serve — disse ao negociante, que me olhou com um ar irônico e matreiro, passando-me o objeto pedido para que eu o pudesse examinar mais a cômodo.

Fiquei surpreendido com a sua leveza; não era um pé de metal, mas sim um pé de carne, um pé embalsamado, um pé de múmia: olhando-o de perto, podia-se distinguir a textura da pele e a marca quase imperceptível impressa pela trama das tiras. Os dedos eram finos, delicados, terminados em unhas perfeitas, puras e transparentes como ágatas; o polegar, um tanto separado, contrariava felizmente o plano dos outros dedos, à maneira antiga, e lhe dava uma atitude despreendida, uma esbelteza de pé de pássaro; a planta, raiada de leve por algumas hachuras invisíveis, mostrava que não havia jamais tocado a terra e só tivera contacto com as mais finas esteiras de juncos do Nilo e os mais fofos tapetes de peles de panteras.

— Ha! ha! o senhor quer o pé da princesa Hermonthis, — disse o negociante com uma estranha risota de escárnio, fitando-me com seus olhos de mocho — ha! ha! ha! para peso de papéis! Idéia original, idéia de artista; se alguém houvesse dito ao velho faraó que o pé de sua filha adorada serviria de peso para papéis tê-lo-ia surpreendido bastante, quando ele ordenou que uma montanha de granito fosse escavada para ali ser colocado o triplice ataúde pintado e dourado, todo coberto de hieróglifos com belas pinturas do julgamento da almas — acrescentou a meia-voz, como se falasse consigo próprio, o pequeno e singular negociante.

— Por quanto me venderá o senhor este fragmento de múmia?

— Ah! o mais caro possível, pois trate-se de uma peça soberba; se eu tivesse o par, não lhe custaria menos de quinhentos francos: a filha de um faraó, não há nada mais raro.

— Certamente não é comum, mas, afinal, quanto quer? Desde logo o previno de que todo o meu tesouro se limita a cinco luises: comprarei tudo quanto custe cinco luises, mas nada além disso.

“Pode esquadrihar os bolsos traseiros de meus coletes e minhas gavetas mais íntimas que ali só achara um miserável tigre de cinco garras.

— Cinco luises pelo pé da princesa Hermonthis, é bem pouco, muito pouco, em verdade; um pé autêntico — disse o negociante sacudindo a cabeça e imprimindo às suas pupilas um movimento rotatório.

“Vá lá, leve-o, e eu lhe dou o invólucro ainda por cima — acrescentou, envolvendo-o num velho farrapo de damasco; — muito bonito, damasco legítimo, damasco das Índias, que nunca foi tingido de novo; é forte, é macio — resmungava ele passando os dedos sobre o tecido esgarçado, levado por um resquício de hábito comercial, que o fazia gabar um objeto de tão pouco valor que ele mesmo o achava digno de ser dado de graça.

Guardou as moedas de ouro numa espécie de esmoleira da Idade Média que lhe pendia da cintura, repetindo:

— O pé da princesa Hermonthis servir de peso para papéis!

Depois, detendo em mim suas pupilas fosfóricas, disse-me numa voz estridente como o miado de um gato que acaba de engolir uma espinha de peixe:

— O velho faraó não vai ficar satisfeito; ele amava a filha, o velhote.

— O senhor fala dele como se fosse seu contemporâneo; embora idoso, o senhor não remonta às pirâmides do Egito — respondi-lhe, rindo, do umbrai da loja.

Voltei para casa muito contente com a minha aquisição.

Para utilizá-la sem mais delongas, coloquei o pé da divina princesa Hermonthis sobre um maço de papéis, esboço de versos, mosaico indecifrável de correções: artigos começados, cartas esquecidas e postadas na gaveta, erro que amiúde acontece às pessoas distraídas; o efeito era encantador, excêntrico e romântico.

Muito satisfeito com esse enfeite, desci para a rua e saí a passear com a devida gravidade e soberba de um homem que tem, sobre todos os transeuntes por que passa, a infável vantagem de possuir um pedaço da princesa Hermonthis, filha do faraó.

Eu achava soberanamente ridículos todos aqueles que não possuíam, como eu, um peso para papéis tão notoriamente egípcio, e a verdadeira ocupação de um homem sensato me parecia ser a de ter um pé de múmia sobre a sua secretária.

Felizmente, o encontro de alguns amigos veio-me distrair do meu entusiasmo de recém-comprador; fui jantar com eles, já que me teria sido difícil jantar comigo.

Quando regressei, de noite, o cérebro jaspeado de algumas veias de cinza-pérola, uma vaga baforada de perfume oriental titilou-me delicadamente o aparelho olfativo; o calor do aposento havia amornado o natrão, o betume e a mirra nos quais os *paraschitas** incisores de cadáveres haviam banhado o corpo da princesa; era um perfume doce, conquanto penetrante, um perfume que quatro mil anos não haviam podido fazer evaporar-se.

O sonho do Egito era a eternidade: seus odores têm a solidez do granito e duram tanto quanto ele.

Logo estava eu a beber a grandes goladas na negra copa do sono; durante uma ou duas horas tudo permane-

(*) Sacerdotes que, durante o Novo Império egípcio, realizavam a mumificação, retirando as vísceras do cadáver (menos o coração) a fim de mergulhá-las num banho de vinho aromatizado. (N. do T.)

ceu opaco, o olvido e o nada inundavam-me com suas vagas sombrias.

Entretanto, a minha obscuridade intelectual se aclarou, os sonhos começaram a roçar-me com seu vôo silencioso.

Os olhos de minha alma se abriram e eu vi meu quarto de dormir tal como ele era de fato: teria podido acreditar-me desperto, mas uma vaga percepção me dizia que eu dormia e que iria passar-se algo de incomum.

O odor da mirra aumentara de intensidade e eu sentia uma ligeira dor de cabeça que atribuía, com fundadas razões, a algumas taças de champanha que havíamos bebido em honra dos deuses desconhecidos e de nossos futuros êxitos.

Eu contemplava meu quarto com um sentimento de expectativa que nada justificava; os móveis estavam perfeitamente no lugar, a chama do candeeiro queimava sobre a consola, delicadamente estampada na brancura leitosa do seu globo de cristal fosco; as aquarelas resplandeciam sob seus vidros da Boêmia; as cortinas pendiam languidamente: tudo tinha um ar adormecido e tranqüilo.

Todavia, ao fim de alguns instantes, esse interior tão calmo pareceu perturbar-se: as tábuas do forro e do assoalho estalavam furtivamente; a acha escondida sob a cinza lançou de súbito um jato de gás azul, e os cabides dourados, de forma circular, pareciam olhos de metal atentos, como eu, às coisas que se iam passar.

Minha vista voltou-se, por acaso, para a mesa sobre a qual eu havia colocado o pé da princesa Hermonthis.

Em vez de estar imóvel como convém a um pé embalsamado havia quatro mil anos, ele se agitava, se contraía e saltitava sobre os papéis feito uma rã assustada: era como se estivesse em contacto com uma pilha voltaica; ouvi muito claramente o ruído seco produzido pelo seu pequeno calcanhar, duro como um casco de gazela.

Eu estava assaz descontente com a minha aquisição,

pois gostava dos pesos para papéis sendentários e achava pouco natural ver pés andarem sem pernas; comecei a sentir algo que se parecia muito de perto ao pavor.

De inopino, vi mexer-se a prega de uma das cortinas e escutei um ruído como aquele que produz uma pessoa a saltitar num pé só. Devo confessar que experimentava sensações de frio e de calor alternadamente; que senti um vento desconhecido soprar-me nas costas, e que meus cabelos, ao se inteiriçar, fizeram saltar a dois ou três passos de distância meu barrete de dormir.

As cortinas se entreabriram e vi adiantar-se a figura mais estranha que se possa imaginar.

Era uma jovem de tez cor de café com leite puxando para o escuro, como a da bailadeira indiana Amani, de uma beleza perfeita que trazia à memória o tipo egípcio mais puro; tinha os olhos amendoados, de cantos erguidos, e sobrancelhas tão negras que até pareciam azuis; seu nariz era de perfil suave, quase grego pela delicadeza, e ter-se-ia podido tomá-la por uma estátua de bronze de Corinto se a proeminência dos malares e a espessura um tanto africana da boca não tornassem reconhecível, acima de qualquer dúvida, a raça hieroglífica das margens do Nilo.

Seus braços franzinos e torneados em fuso, como os das donzelas muito novas, estavam cingidos de uma espécie de aros de metal e de voltas de contas de vidro; seus cabelos haviam sido trançados em cordõezinhos e sobre o peito lhe pendia um ídolo de massa verde que o látego de sete ramos tornava reconhecível como Ísis, a condutora das almas; uma placa de ouro cintilava-lhe na frente e alguns traços de pintura repontavam na tez cor de cobre de suas faces.

Quanto à sua vestimenta, era muito estranha.

Imaginal uma tanga de tirinhas recamadas de hieróglifos negros e rubros, engomadas com betume e que pareciam pertencer a uma múmia recém-desenfaixada.

Por um desses saltos de pensamento tão freqüentes

nos sonhos, ouvi a voz rouca e em falsete do negociante de bricabraque, que repetia como um refrão monótono a frase por ele dita na loja com uma entonação tão enigmática:

— O velho faraó não vai ficar satisfeito; ele amava filha, o velhote.

Particularidade estranha, e que em nada me tranqüilizou: a aparição tinha um só pé; a outra perna estava rota no tornozelo.

Ela se dirigiu até a mesa onde o pé da múmia se agitava e se mexia com redobrada velocidade. Lá chegada, apoiou-se ao rebordo e vi uma lágrima surgir e lhe orvalhar os olhos.

Embora não falasse, eu lhe discernia claramente o pensamento: ela contemplava o pé, pois era mesmo o seu pé, com uma expressão de tristeza conquete de infinita graça; o pé, todavia, corria e saltava de cá para lá como se fosse impellido por molas de aço.

Duas ou três vezes ela estendeu a mão para o agarrar, mas não conseguiu.

Travou-se então, entre a princesa Hermonthis e seu pé, que parecia dotado de uma vida à parte, um diálogo muito esquisito num copta deveras antigo, tal como poderia ter sido falado, trinta séculos atrás, nos juncais do país de Ser; afortunadamente, naquela noite, eu sabia o copta à perfeição.

A princesa Hermonthis dizia num tom de voz suave e vibrante como uma sineta de cristal:

— Pois bem, meu querido pezinho, você me foge sempre, e no entanto eu o cuidava muito bem. Lavava-o com água perfumada numa bacia de alabastro; alisava-lhe o calcanhar com pedra-pome umedecida com óleo de palma; as suas unhas era cortadas com alicates de ouro e polidas com dente de hipopótamo; eu tinha o cuidado de escolher para você *thabebs** bordados e pintados, de pontas

(*) Calçados de cortiça luxuosamente ornamentados. (N. do T.)

recurvadas, que faziam inveja a todas as donzelas do Egito; você tinha no seu artelho anéis representando o escaravelho sagrado e carregava um dos corpos mais leves que um pé preguiçoso poderia desejar.

O pé respondeu num tom amuado e desgostoso:

— Sabe muito bem que eu não me pertenco mais, que fui comprado e pago; o velho negociante sabia muito bem o que estava fazendo, ele lhe quer mal por ter-se recusado a casar com ele: foi uma partida que pregou à senhora.

“O árabe que lhe violou o ataúde real no poço subterrâneo foi mandado por ele; queria impedir que a senhora fosse à reunião dos povos tenebrosos, nas cidades inferiores. A senhora tem cinco moedas de ouro para comprar-me de volta?

— Ai de mim, não! Minhas pedrarias, meus anéis, minhas bolsas de ouro e de prata, foi-me tudo roubado — respondeu a princesa Hermonthis com um suspiro.

— Princesa — exclamei então —, jamais retive injustamente o pé de quem quer que fosse: ainda que não tenha os cinco luíses que ele me custou, eu vo-lo devolvo de bom grado; ficaria desesperado por tornar manca uma pessoa tão amável como a princesa Hermonthis.

Pronunciei este discurso num tom regencial* e trovo-doresco que deve ter surpreendido a bela egípcia.

Ela dirigiu-me um olhar cheio de reconhecimento e seus olhos se iluminaram com clarões azulados.

Ela pegou o pé, que desta vez se deixou agarrar, como uma mulher que vai calçar o seu coturno, e o ajustou à perna com muita destreza.

Terminada a operação, deu dois ou três passos no quarto, como para assegurar-se de que realmente não estava mais manca.

(*) Em francês *régence*, adjetivo designativo do estilo (de móveis e, no caso, de elocução) da época da regência do duque de Orleans (1715-1723) na França. (N. do T.)

— Ah! como meu pai vai ficar contente, ele que estava tão desolado com a minha mutilação e que, desde o dia do meu nascimento, pusera um povo inteiro a trabalhar para cavar-me um túmulo tão profundo que pudesse conservar-me intacta até o dia supremo em que as almas devem ser pesadas nas balanças de Amenthi

“Venha o senhor comigo até meu pai; ele o receberá bem, pois o senhor devolveu-me o meu pé.

Achei o convite muito natural; vesti o meu roupão de grandes ramagens, que me dava um ar assaz faraonesco; calcei à pressa babuchas turcas e disse à princesa Hermonthis que estava pronto a segui-la.

Antes de partir, Hermonthis tirou do pescoço a figurinha de massa verde e a colocou sobre as folhas esparsas que cobriam a mesa.

— Nada mais justo — disse, sorrindo — que eu cuide de substituir o seu peso para papéis.

Estendeu-me a mão, que era suave e fria como uma pele de cobra, e partimos.

Seguimos durante algum tempo, com rapidez de flecha, por um meio fluido e pardacento onde silhuetas apenas esboçadas passavam à direita e à esquerda.

Durante um instante, não vimos mais que água e céu.

Alguns minutos mais tarde, obeliscos começaram a despontar, pilares e rampas bordejadas de esfinges se desenharam no horizonte.

Havíamos chegado.

A princesa me conduziu para diante de uma montanha de granito rosa, onde se achava uma abertura estreita e baixa que teria sido difícil distinguir das fissuras da pedra se duas estelas pintalgadas de esculturas não a tivessem tornado reconhecível.

Hermonthis acendeu uma tocha e se pôs a andar à minha frente.

Eram corredores talhados na rocha viva; os muros, cobertos de painéis de hieróglifos e de procissões alegóri-

cas, deviam ter ocupado milhares de braços durante milhares de anos; esses corredores, de comprimento interminável, desembocavam em câmaras quadradas, no meio das quais haviam sido abertos poços, por onde descemos por meios de grampos ou escadas em espiral; esses poços nos levaram a outras câmaras, de onde partiam outros corredores igualmente pintalgados de gaviões, de serpentes enroladas em círculo, de taus, de pedum, de bari místico,* prodigioso trabalho que nenhum olho vivo devia ver, intermináveis legendas de granito que só os mortos tinham tempo de ler durante a eternidade.

Desembocamos por fim numa sala tão vasta, tão enorme, tão desmesurada que não se podia perceber-lhe os confins; a perder de vista, estendiam-se filas de colunas monstruosas entre as quais tremeluziam lívidas estrelas de luz amarela: esses pontos brilhantes revelavam profundezas incalculáveis.

A princesa Hermonthis me segurava sempre pela mão e cumprimentava graciosamente as múmias suas conhecidas.

Meus olhos se acostumavam a essa semi-obscuridade crepuscular e começavam a discernir os objetos.

Vi, sentados sobre tronos, os reis das raças subterrâneas: eram grandes velhos ressequidos, engelhados, apergaminhados, enegrecidos de nafta e de betume, toucados com *psechents* de ouro, couraçados com peitorais e gorjais, constelados de pedrarias, olhos de uma fixidez de esfinge e longas barbas encanecidas pela neve dos séculos: atrás deles, seus povos embalsamados mantinham-se de pé nas atitudes hirtas e contrafeitas da arte egípcia, guardando eternamente a postura prescrita pelo código hierático; atrás dos povos miavam, batiam as asas e escarneciam os

(*) O *tau* é um instrumento sagrado com a forma da letra grega desse nome, que as divindades egípcias levavam na mão como emblema de imortalidade; o *pedum* é um cetro atribuído à maioria dos deuses; o *bari* corresponde à embarcação que transporta os mortos até o Amenthi, a região ocidental onde as almas dos mortos vão ser pesadas e julgadas por Osiris. (N. do T.)

gatos, os íbis e os crocodilos contemporâneos deles, tornados ainda mais monstruosos pelas faixas em que estavam envoltos.

Todos os faraós lá estavam, Quéops, Quéfren, Psamético, Sesóstris, Amenotep; todos os negros dominadores das pirâmides e dos juncais; sobre um estrado mais elevado assentava-se o rei Cronos e Xixutros, que foi contemporâneo do dilúvio, e Tubalcaim, que o precedeu.

A barba do rei Xixutros havia crescido de tal modo que já fazia sete vezes a volta da mesa de granito à qual ele se apoiava, muito sonhador e sonolento.

Mais ao longe, num vapor poeirento, através do nevoeiro da eternidade, eu distinguia vagamente os setenta e dois reis pré-adamitas com seus setenta e dois povos para sempre desaparecidos.

Após ter-me deixado por alguns minutos a fim de desfrutar esse espetáculo vertiginoso, a princesa Hermonthis apresentou-me ao faraó seu pai, que me fez um aceno de cabeça deveras majestoso.

— Achei o meu pé! achei o meu pé! — gritava a princesa batendo as mãozinhas, com todos os sinais de uma doida alegria. — Foi este senhor quem me devolveu.

As raças de Kemé, as raças de Nahasi, todas as nações negras, bronzeadas, acobreadas, repetiam em coro:

— A princesa Hermonthis achou o seu pé.

O próprio Xixutros se comoveu: Ergueu a pálpebra entorpecida, passou os dedos pelo bigode e lançou sobre mim o seu olhar carregado de séculos.

— Por Oms, cão dos infernos, e por Tmeí, filha do Sol e da Verdade, eis um belo, bravo e digno rapaz — disse o faraó estendendo para mim o seu cetro terminado numa flor de lótus. — O que queres como recompensa?

Fortalecido por essa audácia que dão os sonhos, onde nada parece impossível, pedi-lhe a mão de Hermonthis: a mão pelo pé me parecia uma recompensa antitética de muito bom gosto.

O faraó escancarou os olhos de vidro, surpreso com o meu gracejo e com o meu pedido.

— De que país és e qual é a tua idade?

— Sou francês e tenho vinte e sete anos, venerável Faraó.

— Vinte e sete anos! E quer desposar a princesa Hermonthis, que tem trinta séculos! — bradaram a um só tempo todos os tronos e todos os círculos de nações.

Só Hermonthis não pareceu achar inconveniente o meu pedido.

— Se pelo menos tivesses dois mil anos — continuou o velho rei —, eu te concederia de bom grado a mão da princesa, mas a desproporção é demasiada, e além disso nossas filhas precisam de maridos que durem; vós não sabeis mais conservar-vos: os últimos que foram trazidos há apenas quinze séculos não passam agora de um punhado de cinzas; vê, minha carne é dura como basalto, meus ossos são barras de aço.

“Assistirei ao derradeiro dia do mundo com o corpo e o rosto que eu tinha quando vivo; minha filha Hermonthis durará mais do que uma estátua de bronze.

“Quando o vento tiver dispersado o último grão da tua poeira, a própria Ísis, que soube reencontrar os pedaços de Osiris, teria dificuldade em recompor o teu ser.

“Vê como sou vigoroso ainda e como meus braços são firmes — disse, sacudindo-me a mão à inglesa, de maneira a cortar-me os dedos com meus próprios anéis.

Apertou com tanta força que eu despertei, e distingui meu amigo Alfred, que me puxava pelo braço e me sacudia, para fazer-me levantar.

— Vamos lá seu grande dorminhoco, será que é preciso levar-te para a rua e soltar um fogo de artifício nas tuas orelhas? Já passou do meio-dia; não te lembras de que me havias prometido vir-me pegar para ir ver os quadros espanhóis do sr. Aguado?

— Deus meu! já nem lembrava disso — respondi-lhe,

vestindo-me. — Vamos até lá, sim: tenho a autorização aqui na minha secretária.

Adiantei-me de fato para pegá-la, mas imaginai o meu espanto, quando, em lugar do pé da múmia que eu havia comprado na véspera, vi, em seu lugar, a figurinha de massa verde que ali fora colocada pela princesa Hermonthis!

Titulo do original: "Le pied de momie" in: Théophile Gautier, *Récits fantastiques*, ed. por Marc Eigeldinger, Paris, Flammarion, 1981.

ORIGINAL
CENTR. COPIAS
CLCH CEFD-CECA
PAST. 1580 Pág. 9

O sinaleiro

Charles Dickens

— Olá! Aí embaixo!

Quando ouviu a voz assim chamá-lo, ele estava de pé à porta de sua guarita, com uma bandeira na mão, enrolada à volta do curto mastro. Seria de pensar, dada a natureza do terreno, que ele não pudesse ter dúvida acerca de que parte vinha a voz; todavia, em vez de olhar para cima, para onde eu estava, no alto do íngreme corte sobre sua cabeça, rodou sobre si e olhou Linha abaixo. Havia algo digno de nota na sua maneira de olhar, conquanto eu não pudesse dizer o que fosse, por nada deste mundo. Mas sei que era suficientemente digno de nota para atrair-me a atenção, mesmo que sua figura ensombrada eu a visse em perspectiva, ao fundo da trincheira, eu que estava tão acima dele, tão ofuscado pelo brilho do inflamado pôr de sol que tivera de proteger os olhos com a mão em pala para poder avistá-lo.

— Olá! Aí no fundo!

Ele, que olhava Linha abaixo, tornou a voltar-se e, erguendo a vista, enxergou-me no alto.

— Há algum caminho por onde eu possa descer para ir falar-lhe?